



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA JOÃO PAULO II
AO SENHOR HANS ERIK THARNE
PRIMEIRO EMBAIXADOR DA DINAMARCA
JUNTO DA SANTA SÉ POR OCASIÃO
DA APRESENTAÇÃO DAS CARTAS CREDENCIAIS**

Sábado, 18 de Dezembro de 1982

Senhor Embaixador

Desejo antes de tudo agradecer-lhe o bom testemunho que acaba de dar-me sobre o seu país e sobre a obra da Santa Sé entregando-me as suas Cartas credenciais.

Sua Majestade a Rainha Margarida II que, há 5 anos, fez diligências muito apreciáveis, junto de meu venerado predecessor, designou Vossa Excelência como Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário junto da Santa Sé. É o primeiro a desempenhar esta missão. Exprimo-lhe as minhas felicitações e os meus votos cordiais. Este momento histórico enche todos nós de emoção se pensamos que há 4 séculos não existiam relações oficiais e directas. Bendito seja Deus, que nos permitiu restabelecê-las de comum acordo, na serenidade, no respeito recíproco, para uma colaboração positiva!

Esta troca de diplomatas realiza-se pois hoje entre o Reino da Dinamarca e a Santa Sé. Digo "a Santa Sé", porque o Estado do Vaticano tem como razão de ser assegurar-lhe que, na Sé de Pedro, preside à comunhão católica, a independência e a liberdade necessárias à sua acção e ao seu ensinamento. Esta Sé Apostólica preocupa-se não só com o bem espiritual de todos aqueles que, através do mundo, estão ligados a ela como ao centro em que se manifesta a unidade visível da Igreja católica, mas também quer fazer ouvir livremente a sua voz em tudo o que diz respeito ao bem, à justiça, aos direitos do homem, à paz e ao desenvolvimento. Esta voz não é apenas a da razão e dos nobres sentimentos humanos, é, como Vossa Excelência sabe, a das exigências do Evangelho que devem sempre ser proclamadas entre os homens e que devem sê-lo hoje mais

do que nunca.

A Santa Sé também se sente feliz porque, sobretudo desde o Concílio Vaticano II, grandes passos foram dados pelas Igrejas no caminho que leva a um acordo sobre a profissão da sua fé, embora elas não substimem o que ainda as separa. Mas aqui, as iniciativas de um Embaixador dependem do domínio do Estado, cuja autonomia e responsabilidades próprias da Igreja católica respeita e aprecia. E ali, animada por um amor universal do homem, ela deseja ser sinceramente acolhedora para todos os povos e disponível para os servir, na linha das suas convicções.

Deste modo, a Santa Sé olha para a Dinamarca com simpatia considerando com serenidade a longa história que marcou o seu destino, rica de experiências fortes, a sua população industriosa e corajosa, o progresso civil, social e económico que soube alcançar, a sua solidariedade largamente aberta hoje ao Conselho nórdico primeiramente — é muito normal — mas também aberta às instituições europeias e às Organizações internacionais.

Estes laços de amizade com o seu povo e o seu Governo são ainda mais fáceis pois a Santa Sé aprecia os esforços humanitários que a Dinamarca realiza e deseja fazer progredir no cenário internacional. Vossa Excelência evocou-os ao citar a busca de paz por caminhos de persuasão e segundo os princípios morais, a luta pelos direitos do homem, o auxílio substancial aos países em vias de desenvolvimento. A este propósito salientou a convergência entre os objectivos da Dinamarca e a inspiração da Santa Sé. Esta regozija-se com estas disposições e estas realizações, tão necessárias ao diálogo da paz e ao progresso dos povos que sofrem tantas frustrações ou carências aspirando a ser reconhecidos na sua dignidade. E no que se refere às relações interiores, a Santa Sé aprecia a abertura de espírito, o respeito e os bons contactos que prevalecem hoje no seu país, entre as confissões religiosas, e até a benevolência para com as obras católicas de educação e de saúde.

Mas ousou dizer que existe outro terreno de encontro, ainda mais profundo: a Dinamarca, como Vossa Excelência salientou, tem um longo passado cristão, um passado milenário. Este deixou mesmo um património cultural e artístico. E a fé cristã luterana, à qual estão ligados oficialmente os seus compatriotas, na sua grande maioria, desde há 4 séculos, participa da mesma fonte da nossa própria fé. Sem dúvida, no seu país, como em muitas outras sociedades modernas, a indiferença religiosa e o materialismo prático puderam aumentar ao mesmo tempo que a vida fácil, na medida em que esta era entendida como um fim em si, sem por outro lado resolver as questões fundamentais do sentido da vida e dos valores morais necessários à dignidade da vida pessoal, familiar e social. A este respeito, como os seus irmãos protestantes, os católicos estão prontos a levar o próprio contributo a fim de que o progresso abranja também estes campos, do mesmo modo que amam servir o seu país de origem ou de adopção como dedicados e leais cidadãos;

Doravante, as relações que evocámos poderão exprimir-se oficialmente ao nível da Santa Sé e

dos representantes do seu país, aqui e nas instâncias internacionais. Faço votos por que este diálogo seja muito benéfico para as duas partes, e leve a uma cooperação frutuosa. Dela será Vossa Excelência, pelo seu lado, artífice privilegiado.

Reafirmo-lhe os votos calorosos que formulo na oração pela sua pessoa e pela sua missão. E ficar-lhe-ia grato se dignasse transmitir a Sua Majestade a Rainha Margarida II a minha gratidão e os meus próprios votos, pela sua felicidade pessoal e a prosperidade do seu país. Deus abençoe a Dinamarca!

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana